A
PROVA
DE
HUMA AMIZADE,
CONTO MORAL
DE
MR. DE MARMONTEL,
TRADUZIDO DO FRANCEZ
POR F. V. DE A. E P.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1819.
Com licença da Meza do Dezembargo do Paço.

Vende-se em Casa do Editor F.B.O. de M. Mechas, no Largo do Cáes de Sodré, N. 3. A.

A
PROVA
DE
HUMA AMIZADE.

Em huma daquellas Escolas de moral, aonde a mocidade Ingleza vai estudar os deveres do homem, e do cidadaõ, encher de luzes o espirito, e elevar a alma, eraõ conhecidos por huma amizade digna dos primeiros seculos, Nelson, e Blanford. Como ella era fundada sobre huma perfeita concordia de sentimentos, de vontades, e de principios, naõ pôde o tempo fazer mais que firma-la, e illustrando-se de dia em dia, ligando-se cada vez com mais,

e mais apertados laços, por fim veio a ser a mais íntima. Mas foi esta amizade posta em hum tal ponto de prova, que com grande difficuldade a pôde sustentar.

Completos os estudos de ambos, cada hum tomou aquelle estado, para onde a sua natureza propendia. Blanford, activo, robusto e valeroso, tomou o partido das armas, e assentou praça na Marinha. As viagens foraõ a sua escola, as fadigas o endurecêraõ, os perigos o instruiraõ; e subindo de gráo em gráo, chegou a ser Commandante de hum navio de Guerra.

Nelson, dotado de huma eloquencia divina, e de hum espirito sabio, e profundo, foi do número daquelles Deputa-

dos, de que se compõe o Senado da Naçaõ Britanica, aonde em pouco tempo se fez célebre.

Assim cada hum delles servia a sua patria, reputando-se felizes, por lhe serem uteis. Em quanto Blanford sustentava a prova da guerra, e dos elementos, resistia Nelson á do favor, e da ambiçaõ. Exemplos de hum zelo heroico, parece que émulos hum do outro, disputavaõ entre si a virtude, e a gloria; ou que das duas extremidades do mundo o mesmo espirito animava a ambos.

Valor, escrevia Nelson a Blanford, honra a amizade servindo a patria: vive por huma, se he possivel, e morre pela outra se he necessario: huma morte digna do seu pranto va-

le mais que a mais longa vida.

Valor, escrevia Blanford a Nelson, defende os direitos do povo e da liberdade: hum sorrizo da patria vale mais que o favor dos Reis.

Enriqueceo-se Blanford exercendo bem o seu Posto, e tornou para Londres com os despojos que trazia dos mares da India. Mas de todos os seus thesouros a porçaõ mais preciosa era huma pequena donzella Indiana, de huma rara belleza em todos os climas. Hum Brachmane (*), a quem o Ceo por premio de suas virtudes deo esta unica filha, quando estava para expirar, a entregou nas maõs deste generoso Inglez.

(*) *Sacerdote dos Indios, particularmente no Indostaõ.*

Coraly (assim se chamava a donzella) ainda naõ completava quinze annos, já era as delicias de seu Pai, e o mais doce objecto dos seus cuidados. Saqueáraõ, e tomáraõ os Inglezes a aldêa aonde elle habitava; Solinzeb (este era o nome do Brachmane) se presenta sobre o portal da sua habitaçaõ. Suspendei-vos, diz elle aos soldados, que tinhaõ já chegado até ao seu humilde asilo, suspendei-vos, quem quer que vós sois: o Deos da natureza, esse Deos bemfeitor, he o vosso e o meu; respeitai em mim hum seu Ministro.

Estas palavras, o tom de sua voz, e o seu aspecto venerando, imprimíraõ respeito; mas como o golpe fatal estava despedido, cahio o Brachmane

ferido mortalmente entre os braços da sua consternada filha.

Neste momento chega Blanford; vai reprimir o furor dos soldados; grita, mette-se de permeio, e vê o Brachmane reclinado sobre o peito de huma menina, que apenas o podia sustentar; e que cheia de tremor, confusaõ, e susto, banhava o velho com as lagrimas de seus olhos. Á vista deste espectaculo, a natureza, a formosura, o amor, exercitaõ todos os seus direitos sobre a alma de Blanford. Naõ póde duvidar que Solinzeb he o pai daquella, que com tanta dôr, e ternura o abraça. Barbaros, diz elle aos soldados, afastai-vos. He por ventura aos fracos, aos innocentes, aos velhos, e aos meninos, a quem deveis atacar?

Mortal para mim sagrado, diz elle ao Brachmane, vivei, vivei, deixai-me reparar o crime destes monstros ferozes. Dizendo estas palavras, toma ao velho nos seus braços, deita-o, visita-lhe a ferida, e applica-lhe todos os soccorros da arte. Coraly, testemunha desta acçaõ piedosa, e da sensibilidade deste desconhecido, imaginava ver nelle hum Deos vindo do Ceo para soccorrer, e consolar seu Pai.

Blanford, sem desamparar nunca a Solinzeb, procurava ao mesmo tempo suavizar a dôr de sua filha; mas parecia que ella presagiava a sua desgraça, passando noites, e dias em continuado pranto.

Sentindo o Brachmane chegar o fim da sua vida, disse

a Blanford: Eu queria ir morrer ás margens do Ganges, e purificar-me nas suas aguas. Meu Pai, lhe disse o mancebo Inglez, seria facil dar-vos essa consolaçaõ, se todas as esperanças de viverdes estivessem perdidas; mas para que quereis augmentar o vosso perigo com huma jornada taõ perigosa? He muito longe daqui ao Ganges! e além disto (naõ vos offendais da minha sinceridade) a pureza de coraçaõ he o que o Deos da natureza pertende de nós; se vós tendes observado a lei, que elle gravou no fundo das nossas almas; se tendes feito aos homens todo o bem, que pudestes; se evitastes toda a occasiaõ de lhes fazer mal, o Deos que os ama, tambem vos ha de amar.

Tu és o meu consolador, lhe disse o Brachmane; mas tu, que reduzes os deveres do homem a huma piedade simples, e a costumes puros, como he possivel que sejas o Chefe destes salteadores, que assolaõ a India, e se banhaõ no sangue humano?

Bem tendes visto, lhe disse Blanford, se eu dou authoridade para similhantes destruições. O commerçio he o unico objecto, que nos chama á India; e se os homens tratassem de boa fé, esta mutua troca de soccorros seria para todos aprazivel, e cheia de equidade; mas a violencia dos vossos Soberanos he que nos metteo as armas na maõ, e da defeza ao ataque vai hum passo taõ escorregadio, que ao primeiro

successo, á mais pequena vantagem, o opprimido vem a ser o oppressor. A guerra he hum estado violento, e difficultoso de suavizar: ah! quando o homem naõ tem sentimentos de humanidade, como quereis que seja justo? A minha obrigaçaõ neste paiz he proteger o commercio da Naçaõ Ingleza, e fazer aqui honrar, e respeitar a minha patria; e no exercicio do meu emprego, poupo, quanto posso, a effusaõ de sangue, e de lagrimas, que a guerra faz esparzir: feliz serei eu, se a morte de hum homem justo, a morte do pai de Coraly, fôr hum dos crimes, e das desgraças, que eu venha poupar ao mundo! Desta sorte, abraçando o velho, fallava o virtuoso Blanford.

Tu me persuadirás, lhe disse Solinzeb, de que a virtude em toda a parte he a mesma; mas tu naõ crês no Deos Vistnon (*), nem nas suas nove metamorphoses. E como he possivel que hum homem de bem naõ dê credito a esta Divindade? Attendei, meu Pai, replicou o Inglez: ha milhões de homens no mundo que já mais ouvíraõ fallar no Deos Vistnon, nem nas suas aventuras; e naõ obstante, o Sol se eleva todos os dias sobre elles, respiraõ hum ar puro, bebem saudaveis aguas nas fontes crystallinas, e a terra, como mãi prodiga, lhes ministra os fructos de todas as estações. Cre-

(*) *Nome de hum dos principaes Deoses dos Indios.*

des o que vos digo? e entre estes póvos, como entre os filhos de Brachmane (*), ha corações virtuosos, e homens justos. A equidade, a candura, a rectidaõ, a beneficencia, e a piedade, saõ sentimentos que veneraõ, assim os bons como os máos. Ah meu Pai! os sonhos da vossa imaginaçaõ differem muito n'outros climas, mas os sentimentos da verdade em toda a parte saõ os mesmos, e a luz donde elles dimanaõ, está taõ espalhada sobre a terra como a do Sol.

Este estrangeiro me enche

(*) *O primeiro dos tres Entes perfeitissimos, que os Gentios do Indostaõ dizem que Deos (a quem chamaõ Acbari) formára para fabricarem o mundo.*

de luzes, e de assombro, dizia Solinzeb comsigo mesmo: tudo aquillo que o meu coraçaõ, a minha razaõ, a voz íntima da natureza, me dizem que creia, tambem elle crê; e do meu culto nada reprova, senaõ aquillo, que a mim mesmo me custa muito naõ ter por desacerto. Tu pensas pois, disse elle a Blanford, que o homem que vive bem, póde morrer? — Certamente. — Tambem eu assim penso, e espero a morte como hum doce somno. Mas depois de eu morto, que será de minha filha? Eu naõ vejo na minha pátria mais que captiveiro, e assolaçaõ. Minha filha naõ tinha no mundo ninguem mais do que a mim, e daqui a poucos momentos nem eu já existirei. Ah! disse o mancebo Inglez, se he

tal a sua desgraça, que a morte a prive de hum taõ bom Pai, dignai-vos de a confiar ao meu cuidado; que eu juro ao Ceo de guardar para sempre a sua innocencia, e a sua liberdade como hum deposito inviolavel. — Más com que principios, e doutrinas será ella educada? — Com os vossos, se quereis; ou com os meus se me acreditais; mas sempre com modestia, e honestidade, que em toda a parte fazem a gloria de huma mulher. Mancebo, replicou o Brachmane com hum aspecto angusto, e ameaçador, Deos acaba de ser testemunha das tuas palavras, e o velho com quem tu fallas, talvez que dentro de huma hora esteja na sua presença. Naõ he preciso, lhe disse Blanford, que me fa-

çais conhecer a santidade das minhas promessas. Eu naõ sou mais que hum fragil mortal ; mas sobre a terra nada ha mais constante que a honra do meu coraçaõ. E disse estas palavras com hum valor taõ forte, que penetrou a Brachmane. Vem cá Coraly, disse elle a sua filha, vem abraçar o teu Pai que está expirando, vem abraçar o teu novo Pai, para que depois de minha morte seja o teu guia, e o teu amparo. Eis-aqui, minha filha, continuou elle, o livro da lei de teus avós, o *Veidam*: depois de nelle bem meditares, te deixarás instruir na crença deste virtuoso estrangeiro, e escolherás dos dous cultos o que te parecer mais proprio, e mais capaz para formar pessoas de bem.

Na seguinte noite expirou o Brachmane. Sua filha, enchendo o ar de gritos, e suspiros, naõ podia apartar-se daquelle cadaver pállido, e frio, apertando-o em seus braços, e banhando-o com as lagrimas de seus olhos. Em fim, foi taõ grande a sua dor, que cahio sem forças desmaiada, e só assim a pudéraõ tirar daquelle lugar funesto.

Blanford, cuja obrigaçaõ o chamava da Asia para a Europa, conduzio comsigo a sua pupilla; e ainda que ella era formosa, e facil de enganar, ainda que elle era mancebo, e de huma grande viveza, respeitou sempre a sua innocencia. Durante a viagem, occupou-se em ensinar-lhe hum pouco de Inglez, em dar-lhe huma idéa

dos costumes da Europa, e em desenvolver-lhe o seu espirito docil dos prejuizos do seu paiz.

Chegando Blanford a Londres, foi adiante esperá-lo o seu amigo Nelson, e viraõ-se hum ao outro com as mais sensiveis demonstrações de gosto. Mas logo a vista de Coraly sorprendeo, e affligio Nelson. Que fazes tu desta menina? (disse elle a Blanford com hum tom severo.) He alguma captiva, alguma escrava? furtaste-a a seus pais? fizeste gemer a natureza? Contou-lhe Blanford todo o succedido, e fez-lhe huma pintura taõ attractiva da innocencia, da candura, da sensibilidade da menina Indiana, que o mesmo Nelson se enterneceo. A minha tençaõ he (continuou Blanford) que esta menina na

companhia de minha Mãi se eduque, e se instrua nos nossos costumes: eu formarei este coraçaõ simples, e docil; e se ella póde ser feliz comigo, eu a despozarei. — Já estou satisfeito, e graças aos Ceos que tornei a ver o meu amigo.

Tem-se-nos pintado muitas vezes o espanto, a admiraçaõ, e as diversas emoçõés de huma pequena estrangeira a quem tudo he novo; Coraly experimentou todos estes movimentos. Mas a grande facilidade que ella tinha em decorar, e comprehender tudo, adiantava os cuidados que se tomavaõ da sua instrucçaõ. O espirito, os talentos, e as graças eraõ nella como dons naturaes: e naõ foi preciso mais, que o pequeno trabalho de lhos ir des-

cobrindo por huma leve cultura. Estava quasi completando dezaseis annos, hia Blanford a a desposa-la, quando a morte lhe levou sua Mãi. Coraly a chorou como se fosse a sua propria; e o cuidado que ella tomou de consolar a Blanford, lhe tocou o coraçaõ sensivelmente. Mas durante o lucto, que foi o que retardou as nupcias, recebeo elle huma ordem de se embarcar para huma nova expediçaõ. Foi entaõ visitar a Nelson, e lhe confiou, naõ a dôr que tinha de deixar a Iadianna, porque Nelson o envergonharia, mas a dôr de a deixar entregue a si mesma, no meio de hum mundo para ella desconhecido. Se minha Mãi, (disse elle) ainda fosse viva seria a sua conductora, mas a

desgraça que persegue esta menina, lhe levou até este unico amparo. Por ventura esqueces-te tu (lhe disse Nelson) de que eu tenho huma irmã, e que a minha casa he tua? Ah, Nelson, replicou Blanford, fitando os olhos nos do amigo, se tu soubesses qual he o penhor que queres que eu te confie! A estas palavras, deo Nelson hum sorrizo amargo, e lhe disse: Eis-ahi hum cuidado bem digno da nossa amizade! Naõ te atreves a confiar de mim huma mulher! Blanford, suspenso, e confuso, córou. Perdôa, diz elle, a minha fraqueza; pois ella me fez ver hum perigo aonde a tua virtude o naõ encontra. Eu julguei o teu coraçaõ pelo meu, e o meu temor me fez pensar taõ vilmente. Naõ

tratemos mais deste ponto, partirei socegado, deixando o deposito do amor na guarda da amizade. Mas, meu querido Nelson, se eu morrer, posso pedir-te que fiques no meu lugar? — Sim, no lugar de Pai, eu to prometto: naõ me peças mais. — Basta, estou satisfeito; já nada me detem. Adeos, meu caro amigo.

Despediraõ-se mutuamente Coraly e Blanford, derramando ambos copiosas lagrimas; mas as de Coraly naõ eraõ de amor: hum vivo reconhecimento, huma amizade respeitosa, eraõ os sentimentos mais ternos, que Blanford lhe havia inspirado. Ainda naõ conhecia a sensibilidade amorosa; pois a vantagem de lha descobrir estava reservada para Nelson.

Era Blanford mais formoso que o seu amigo: mas tanto a sua gentileza, como o seu caracter, tinha huma altiveza varonil, e séria. Os sentimentos que elle tinha concebido pela sua pupilla, eraõ mais da alma de hum Pai, que da de hum amante: eraõ huns cuidados sem complacencia, huma bondade sem agrados, hum interesse terno, mas triste, e hum desejo mais de a fazer feliz com elle, do que ser elle feliz com ella.

Nelson, dotado de hum caracter mais attractivo, tinha tambem mais doçura, e suavidade no ar do semblante, e nas suas palavras. Sobre tudo os seus olhos, huns olhos que fallavaõ ao íntimo do coraçaõ, e parecia que lhe imprimiaõ os mais occultos sentimentos da alma.

A sua voz era como hum trovaõ, quando lhe era preciso defender os interesses da pátria, as suas leis, a sua gloria, e a sua liberdade; mas em huma conversaçaõ familiar, era suave, e e encantador; e o que o fazia ainda mais amavel, era hum ar modesto de que se revestia a sua pessoa. Este homem, que na frente da sua naçaõ faria tremer hum tyranno, na sociedade era taõ tímido, que huma só palavra de elogio lhe fazia subir a côr ao rosto.

Lady Juliette Albury, sua Irmã, era huma viuva dotada de hum espirito sabio, e de hum coraçaõ excellente; mas tinha aquella prudencia inquieta, que vai sempre adiante da desgraça, e que a acelera, em vez de a evitar. Foi esta Senhora

encarregada de consolar a donzella Indiana. Eu perdi o meu segundo Pai, (lhe dizia esta amavel menina); e no mundo naõ tenho mais ninguem do que tu, e Nelson: entre vós repartirei o meu amor, e a minha obediencia; e abraçando a Juliette, chega Nelson, e Coraly se levanta com hum semblante risonho, e celeste, mas ainda molhado das lagrimas.

Entaõ perguntou Nelson a sua irmã, tendes vós consolado esta menina? Sim, estou mais consolada, e já de mim se naõ deve ter dó, (respondeo a donzella Indiana, enxugando os seus formosos olhos.) Fez depois sentar a Nelson junto de sua irmã Juliette, e ajoelhando ante elles, tomou nas suas as maõs de ambos, e aper-

tando-as com a maior ternura: Eis-aqui minha Mãi, disse ella a Nelson, olhando para elle com hum modo tal, que abrandaria hum marmore; e tu Nelson, que serás para mim? — Eu, Senhora; o vosso bom amigo. — Meu bom amigo! isso he excellente! Pois eu tambem serei a tua boa amiga; naõ me dês outro nome — Sim, minha boa amiga, minha querida Coraly, a vossa sinceridade me encanta. O' Ceos, dizia elle a sua irmã, como he bella esta menina! ella fará a felicidade de tua vida. Assim ella naõ faça a desgraça da tua, (lhe respondeo a prevista irmã.) Nelson surrio-se com desdem, e lhe disse: Naõ, já mais o amor poderá riscar da minha alma os direitos da santa amizade. So-

cega, minha irmã, e cuida sem receio de cultivar este lindo natural. Blanford ficará encantado de a ver, se quando tornar, já ella souber o nosso idioma; porque se lhe divisaõ humas idéas, huma mistura de sentimentos, que ella se afflige pelos naõ poder expressar. Os seus olhos, os seus gestos, o ar do seu semblante, tudo nella annuncia pensamentos engenhosos, que para sahirem á luz naõ tem precisaõ mais que de palavras. Será isto, minha irmã, hum divertimento para ti, e verás abrir-se o seu espirito como huma flor que sahe do botaõ. — Sim, meu Nelson, mas como huma flor, que nos esconde muitos espinhos.

Dava Juliette continuadas lições de Inglez á sua pupilla,

e esta as fazia mais proveitosas misturando-lhes sentimentos de huma viveza, de huma tal candura, que só eraõ proprios da simples natureza. Era para ella huma gloria o descubrir huma palavra, que exprimisse bem qualquer doce affeiçaõ da alma. Fazia della as applicações mais sinceras, e atrractivas; e quando Nelson chegava, naõ corria, voava para elle, e lhe repetia a sua liçaõ com hum gosto, huma simplicidade, que elle até entaõ naõ achava mais que divertida; sómente Juliette lhe conhecia o perigo, e quiz prevenir-lho.

Principiou por dar a entender a Coraly, que naõ era politica fallarem-se por *tu*, e que era preciso usar do tratamento de *vós*, pois o primeiro só era permittido entre irmaõs. Pedio

Coraly que lhe explicassem o que era politica, e para que servia, e se os irmaõs naõ necessitavaõ della? Disseraõ-lhe, que a politica no mundo suppria a benevolencia. Respondeo ella, que entaõ era inutil ás pessoas, que na realidade se queriaõ bem. Disseraõ-lhe mais, que ella demonstrava hum desejo de obrigar, e de agradar. Respondeo Coraly, que este desejo se demonstrava muito bem sem a politica; porque dando por exemplo o caõsinho de Juliette, que nunca a deixava, e que a todo o instante lhe fazia festas e caricias, perguntou se elle era politico. Vendo-se Juliette convencida por estes argumentos, recorreo á decencia, dizendo, que naõ approvava, por lhe parecer mal, aquelle mo-

do taõ desembaraçado, e taõ summamente alegre com que Coraly tratava a Nelson; porém esta, que já tinha idéa do que era o ciume, porque a natureza lha havia inspirado, imaginou que a Irmã tinha zelos da amizade que lhe mostrava o Irmaõ. Naõ, lhe disse ella, eu naõ vos quero mortificar mais, e como vos amo muito, quero obedecer-vos, e de hoje em diante fallarei por *vós* a Nelson.

Ficou Nelson admirado da mudança de tratamento que lhe dava Coraly, e queixou-se a Juliette. O *vós*, dizia elle, desagrada-me da sua bocca, pois naõ he proprio da sua singeleza. Tambem a mim me desagrada, replicou a Indiana, porque tem hum naõ sei que de

aspero, e de severo; ao mesmo tempo que o *tu* he taõ doce! taõ terno! taõ attractivo! — Ouvistes minha Irmã? já ella principia a saber a nossa lingua. — Ah! naõ he isso o que me inquieta, porque com huma alma como a sua, assaz se explicaõ bem todos os sentimentos. Explicai-me, pedio Coraly a Nelsón, donde procede este ridiculo uso de dizer *vós*, fallando-se com huma só pessoa. — Isto procede, minha menina, da soberba, e da fraqueza do homem: pois entende que he pouca cousa sendo sómente hum; e por isso procura dobrar-se, e multiplicar-se na idéa. — Ah, percebo essa loucura; mas tu Nelson, naõ tens essa louca vaidade..... Ainda continúas! interrompeo

Juliette com hum tom severo. — Que disse ella, minha irmã, para vós a reprehenderes! Vem cá Coraly, vem cá a mim. — Naõ quero que ella vá. — Como sois cruel! Por ventura comigo he que ella tem perigo? Suspeitais que eu sou capaz de lhe armar alguns laços? Ah! deixai-lhe conservar este natural taõ puro, deixai-lhe a amavel candura do seu paiz, e da sua idade. Porque lhe quereis dissipar a flor da sua innocencia ainda mais preciosa que a mesma virtude? Parece-me que a natureza se afflige, quando a idéa do mal penetra huma alma. Ah! he está huma planta venenosa, que só procede de si mesma, sem que seja preciso semea-la. — Tendes muita razaõ no que dizeis; mas já que

o mal existe, he necessario evita-lo; e para se evitar he preciso conhece-lo. Ah, minha Coraly, dizia Nelson, para que mundo te transportáraõ! Que costumes os nossos, aonde he preciso perder-se metade da innocencia, para se salvar a outra metade!

Á proporçaõ que as idéas moraes se accumulavaõ no entendimento da donzella Indiana, hia ella perdendo a sua alegria, e ingenuidade natural. Cada novo estatuto lhe parecia huma nova prizaõ. Ainda mais hum preceito, dizia ella, ainda mais huma prohibiçaõ! Minha alma se vê taõ ligada como dentro de huma rede: em pouco tempo a faraõ immovel. Que se lhe fizesse hum crime daquillo que podia ser máo, Coraly o

percebia sem custo; mas naõ podia imaginar mal naquillo, que a ninguem o fazia. Que maior felicidade para os que vivem juntos, dizia ella, que verem-se com reciproco prazer? E porque se ha de occultar huma taõ doce impressaõ? O prazer naõ he hum favor? Pois porque o havemos embaraçar áquelle que o quer fazer? Finge-se hum semblante alegre para aquelles que naõ se amaõ, e se ha de mostrar torvo para aquelles que se amaõ! Sem dúvida algum inimigo da verdade inventou taõ pessimos costumes.

Estas, e similhantes reflexões a engolfavaõ na mais profunda tristeza, e quando Juliette lha reprehendia: Vós sabeis a causa, lhe dizia ella; tudo que contraría a natureza, a faz

entristecer, e nos costumes do vosso paiz tudo a contraría.

Coraly, nestas pequenas impaciencias, tinha hum certo modo taõ suave, e taõ tocante, que a mesma Juliette muitas vezes se arrependia de a affligir com tanto rigor. O seu modo de a consolar, e de lhe fazer socegar o seu animo, era empregá-la em pequenas occupaçõés, e manda-la como a sua filha. O prazer que tinha Coraly de pensar que era util áquella casa, era inexplicavel; e andava sempre prevendo as occasiões de mostrar o seu prestimo; mas os mesmos cuidados, e desvélos, que ella rendia a Juliette, tambem queria dedicar a Nelson, e lhe causava interna desconsolaçaõ se lhe moderavaõ o seu zelo. Os bons officios da

servidaõ, dizia ella, saõ baixos, e vís, porque naõ saõ voluntarios; mas tanto que saõ livres, já nelles naõ ha pejo, e a amizade os faz ennobrecer. Naõ receeis, minha boa amiga, que eu me deixe humilhar; porque supposto que bem moça deixei a India, já sabia qual era a dignidade da familia de que descendo: e quando as vossas formosas Damas, e os vossos Fidalgos me vem ver, e examinar com huma benigna curiosidade, o desdem que lhes causa a minha vista, naõ faz mais que elevar-me a alma, pois conheço que sou tanto como elles. Mas comvosco, e Nelson que me amais como vossa filha, que póde para mim haver de humilde?

O mesmo Nelson parecia

muitas vezes estar confuso do trabalho que ella tomava. Ora vós sois bem soberbo, lhe dizia ella, pois vos envergonhais de ter precisaõ de mim! Eu naõ sou taõ altiva: se vós me servisseis, verieis como eu ficava satisfeita.

Todos estes pensamentos de huma alma sincera, e sensivel inquietavaõ a Juliette. Eu tremo, dizia ella a Nelson quando estavaõ sós, eu tremo de que ella vos ame, e de que este amor venha a ser a causa da sua desgraça. Recebeo elle esta advertencia como huma injuria que sua irmã fazia á innocencia. Eis-ahi, lhe disse elle, como o abuso das palavras altéra, e desconcerta as idéas. Coraly tem-me amor, bem sei; mas he hum amor, como o que

vos tem a vós. E ha cousa mais natural do que amarmos a quem nos faz beneficios? Este he o crime desta menina, mas he porque a doce, e viva expressaõ de hum sentimento taõ justo, e taõ louvavel, he profana em o nosso paiz: e o que nisto se suppõe de máo, passou-lhe nunca pelo pensamento? — Naõ, meu irmaõ, vós naõ me entendeis: naõ ha cousa mais innocente que o seu amor para comvosco; mas..... — Mas, minha irmã, para que he formar taõ temerarios juizos? Porque quereis que seja amor? He huma boa, e simples amizade, que ella me tem, e a mesma tem a vós. — Vós vos persuadis, Nelson, de que he o mesmo sentimento: quereis fazer a experiencia? Ora finjamos en-

tre nós hum divorcio, e que por este motivo nos separamos hum do outro, e demos-lhe a liberdade de eleger a qual dos dous quer seguir. — Que dizeis, minha irmã! isso saõ laços, saõ enganos, saõ enredos abominaveis: para que a havemos constranger? para que a havemos ensinar a fingir-se? Póde ella, por ventura, esconder a sua alma? — Sim, eu principio a morsifica-la, porque ella me teme depois que vos ama. — E para que he inspirar-lhe esse temor? Quer-se que sejamos sinceros, e se o somos, he perigoso: recommenda-se a verdade, e se ella se pratica, lança-se em rosto como culpa! Ah! a natureza naõ he defeituosa: ella seria franca, se fosse livre; o artificio, que se em-

prega em a constranger, he que a faz propensa á falsidade. — Ora eis-ahi humas reflexões demasiadamente sérias para huma cousa, que na realidade naõ he mais do que hum brinco! Porque, em fim, de que tratamos nós? Naõ he de inquietar por hum momento a Coraly, para vermos a que parte se inclina o seu coraçaõ? eis-aqui tudo. — Eis-ahi tudo; mas eis-ahi huma mentira, e o peior que he, huma mentira afflictiva. — Pois naõ fallemos mais nisto: he inutil examinarmos o que naõ queremos ver. — Eu, minha irmã! naõ querer ver isso? antes eu o desejo para me desenganar, a fim de melhor me conduzir. A fórma sómente he que me desagradou; mas isso naõ importa, dizei o que

quereis de mim? — Que guardeis silencio, e mostreis hum semblante sério. Coraly, vem cá: ouve o que te queremos dizer.

O que he? lhe disse Coraly chegando a elles: Nelson a hum canto! e Juliette a outro! estais por ventura enfadados? Eu, e meu Irmaõ, lhe disse Juliette, acabamos neste instante de tomar huma resoluçaõ que nos mortifica; mas he preciso executa-la. De hoje em diante naõ habitaremos mais juntos; cada hum terá sua casa separada, e ajustamos deixar-te a liberdade de escolheres com qual de nós queres ir.

Em quanto Juliette fallou, olhava Coraly para ella com os olhos immoveis de dôr, e de espanto. Eu he que sou, lhe

disse ells, a causa de vos separardes de Nelson. Vós estais enfadada porque elle me ama; tendes ciumes da piedade que lhe causa huma pequena orfã. Ah! que cousa naõ envejareis, se invejais a compaixaõ? e a invejais áquella que vos ama, e que daria por vós a sua vida, unico bem que lhe resta. Sois injusta, Juliette, sim, sois injusta: vosso irmaõ, amando-me, naõ vos ama menos; antes, se he possivel, ainda mais vos ha de amar; porque os sentimentos de minha alma traspassáraõ para a sua, e eu naõ tenho outros que lhe inspirar para vós, mais que complacencia, e amor.

Por mais que Juliette a quiz persuadir de que ella, e Nelson se separavaõ em boa ami-

zade: Naõ he possivel, lhe disse ella; pois era as vossas delicias o viverdes juntos. E além disto, que precisaõ tendes de duas casas? As pessoas que se amaõ, nunca estaõ apartadas; porque a separaçaõ só agrada aos que se aborrecem. Vós, ó Ceos! terdes odio hum ao outro! Quem se amará, se dous corações taõ bons, e taõ virtuosos se naõ amaõ? Sou eu, desgraçada de mim, que trouxe a desordem para a casa da paz. Eu quero retirar-me para longe: sim, e vos supplico que me envieis para a minha terra: alli encontrarei almas sensiveis á minha desgraça, e ao meu pranto, e que me naõ façaõ hum delicto de eu inspirar compaixaõ.

Vós vos esqueceis, lhe dis-

se Juliette, de que sois hum deposito, que a nós se entregou? Eu sou livre, replicou a Indiana com altiveza, e me he licito dispôr de mim. E que faço eu aqui? Com quem hei de eu viver? Com que olhos vós, e Nelson, haveis de ver em mim a causa da vossa desuniaõ? Poderei eu supprir a Nelson o lugar de sua irmã? Ou poderei eu consolar-vos da perda de hum irmaõ? Eu destinada a ser desgraça deste, a quem minha alma unicamente adora! Naõ, vós naõ vos haveis de separar; meus braços para vós seraõ cadêas. E correndo para Nelson, pegou-lhe pela maõ, vinde, vinde, lhe disse ella, jurar á vossa irmã, que no mundo a ninguem tendes mais amor do que a ella. Nelson, movido de

compaixaõ até ao íntimo da alma, se deixou conduzir aonde estava sua irmã; e Coraly lançando-se ao pescoço de Juliette, vós, continuou ella, se sois minha mãi, perdoai-lhe o amar a vossa menina; o seu coraçaõ he muito grande, e nos póde a ambas satisfazer; mas se nisto tendes alguma perda, o meu vo-la recompensará. Ah! perigosa filha, lhe disse a Ingleza cheia de ternura, quantas penas nos haveis de causar! Ah! minha irmã, gritou Nelson, abraçado por Coraly contra o peito de Juliette, tendes valor para affligir mais esta menina!

Coraly encantada do seu triunfo, beijava com ternura a Juliette, naquelle mesmo instante que Nelson chegava o seu

rosto ao de sua irmã. Por acaso sentio elle tocar na sua face a face ardente de Coraly, ainda molhada das lagrimas. Ficou Nelson sobresaltado da sensaçaõ, que lhe causou este toque, e disse, oh que ventura! mas inda bem que isto naõ he mais que huma simples emoçaõ dos sentidos; naõ chega á alma: eu possuo-me a mim mesmo, e sei o que tenho em mim. Naõ obstante, dissimulou com sua irmã aquillo mesmo que quiz esconder a si proprio. Consolou a Coraly com palavras de doçura, confessando-lhe que tudo que se lhe acabava de dizer para a inquietar, era sómente hum brinco. Mas o que naõ he brinco, continuou elle, he o conselho que vos dou, minha querida Coraly, que des-

confieis muito desse vosso coraçaõ taõ sincero, e taõ sensivel. Naõ ha cousa mais bella que esse caracter affectuoso, e terno, mas os melhores sentimentos vem muitas vezes a ser perigosos pelos seus excessos.

Ora naõ socegareis o meu espirito? (pedio Coraly a Julierte, tanto que Nelson se retirou); pois por mais que me digaõ, naõ he natural que se faça hum brinco da minha dôr. Aqui ha o que quer que he de sério. Eu vos vejo triste, e compadecida; o mesmo Nelson estava occupado naõ sei de que temor, e espanto. Eu senti na minha maõ tremer-lhe a sua; e quando nos seus olhos puz os meus, divizei-lhe hum naõ sei que, entre terno, e doloroso.

Elle teme a minha sensibilidade; e parece que tem medo de que eu me entregue a este sentimento. O' minha boa Amiga, dizei-me, será algum mal o amar? — Sim, minha menina; e já que he preciso vo-lo dizer, he hum mal para vós, e para elle. Huma mulher, (vós o verieis na India como entre nós) huma mulher está destinada para a companhia de hum homem unicamente; e por esta uniaõ santa, e solemne, o prazer de amar he para ella huma obrigaçaõ. Eu sei isso, disse Coraly com ingenuidade: a isso he que se chama casamento. — Sim, Coraly, e esta amizade he muito louvavel entre os que saõ esposos; mas para os mais he prohibida. — Isso naõ he conforme á razaõ,

respondeo a Indiana; por que antes de se unir hum ao outro he preciso saber se se haõ de amar, e só pelo amor presente se póde conjecturar o futuro. Por exemplo: se Nelson me amasse como eu o amo, seria bem claro que cada hum de nós encontraria a sua metade. — E naõ vedes de quantos respeitos, e igualdades somos escravas, e que vós naõ estais destinada para Nelson? Já vos entendo, disse Coraly abaixando os olhos: sou pobre, e Nelson he rico; porém a minha desgraça ao menos naõ me prohibe o honrar, e amar o meu bemfeitor. Se huma arvore fosse capaz de sentimentos, teria hum grande gosto de ver descançar á sua sombra aquelle que a cultiva, respirar o suave perfume

de suas flores, e gostar a doçura de seus fructos; pois eu sou esta arvore cultivada por vós, e vosso irmaõ, e a natureza me deo huma alma.

Sorrio-se Juliette da comparaçaõ; mas logo lhe fez conhecer o quanto era indecente aquillo mesmo, que lhe parecia taõ justo. Coraly a ouvio, e córou; e desde entaõ a sua alegria, e sinceridade natural se trocou na maior reserva, e na mais profunda timidez. O que mais a magoava em o nosso paiz (ainda que talvez veria exemplos similhantes na India) era a excessiva desigualdade de riquezas; mas até este ponto ainda ella se naõ tinha humilhado, e o foi entaõ pela primeira vez.

Senhora, disse ella no ou-

tro dia a Juliette, eu vou passando a minha vida em aprender cousas as mais superfluas. Huma industria para ganhar, o meu sustento me será muito mais util. Este he hum meio, que eu vos supplico me queirais procurar. Vós nunca tereis precisaõ de ganhar o vosso sustento, lhe disse a Ingleza; porque, (sem fallar em nós) naõ foi de balde que Blanford quiz ficar em lugar de vosso pai. Os beneficios, replicou Coraly, obrigaõ muitas vezes mais do que se quer. Naõ he vergonha recebe-los; mas entendo que he melhor passar sem elles. Por mais que Juliette se queixou deste excesso de subtileza, nunca mais Coraly quiz ouvir fallar em divertimentos, nem em vãos estudos. Entre os trabalhos, que

saõ proprios das maõs delicadas, sempre ella escolhia aquelles que precisaõ de maior destreza, e intelligencia; e applicando-se a elles, o unico cuidado, que a inquietava, era saber se davaõ para o sustento. Pois vós quereis deixar-me, lhe perguntou Juliette? Eu quero fazer-me independente de tudo, excepto de vos amar, lhe respondeo Coraly. Quero poder desonerar-vos de mim, pois em nada concorro para a vossa felicidade; mas se para ella posso contribuir, naõ tenhais medo que eu vos deixe. Conheço que a pezar de vos ser inutil, me estimais muito: e este desinteresse he hum exemplo, que eu me julgo digna de imitar.

Nelson naõ sabia o que pensasse da applicaçaõ que ti-

nha Coraly aos trabalhos mais mecanicos, e do aborrecimento que havia tomado ás cousas mais agradaveis. Via com a mesma admiraçaõ a modesta simplicidade dos seus enfeites, e perguntou-lhe a causa. Eu me ensaio para ser pobre, lhe respondeo ella com hum sorrizo, e abaixando os olhos cahiraõ-lhe algumas lagrimas. Estas palavras, estas lagrimas soltas a medo, o penetráraõ de compaixaõ até o íntimo da alma. Oh Ceos! (disse elle) causar-lhe-hia minha irmã algum temor, lançando-lhe em rosto que podia vir a ser póbre, e desamparada! E tanto que se vio só com Juliette, obrigou-a a contar-lhe o que havia passado com a Indiana.

Ah! (disse elle depois que

a ouvio) parece que fazeis capricho de envenenar a sua vida, e a minha! Ora quando vós naõ estivesseis bem certa da sua innocencia, naõ o estais da minha honra? — Ah, Nelson! naõ he o crime, he a desgraça que me atemoriza. Bem vêdes a perigosa segurança, com que ella se entrega ao gosto de vos ver; a grande inclinaçaõ que insensivelmente vos tem; e como a natureza, sem ella o saber, a vai attrahindo aos laços que esconde. Ah, meu irmaõ, na vossa idade, e na sua, o nome de amizade naõ he mais do que hum véo. E que naõ possa eu deixar-vos a ambos na illusaõ! Mas, Nelson, estimo mais as vossas obrigações, que o vosso descanço. Coraly está destinada para o nosso amigo:

elle mesmo vo-la confiou, e vós, sem querer, lha roubais! — Eu, minha irmã! que he o que me prognosticais? — Aquillo mesmo que deveis evitar. Quero que ella, amando-vos, consinta no consorcio com Blanford; quero que elle se glorie de ser amado de Coraly, e que seja feliz com ella: mas poderá ella ser feliz com elle? Além disto, quero que os sentimentos, que tendes concebido a seu respeito, sejaõ só fundados na compaixaõ, que ella merece; que dôr naõ será a vossa de perturbar, talvez que para sempre, o socego desta desgraçada? Mas já agora, só por hum milagre vós a verieis abrazar de amor, sem lhe corresponder com outro igual. Haveis de continuar a ama-la..... Que digo

eu! ah, Nelson! Quizesse o Ceo que ainda fosse tempo! — Sim minha irmã, ainda he tempo de eu tomar a resoluçaõ que quizerdes, com tanto que naõ seja cousa que afflija muito aquella alma taõ innocente. — O que eu queria era que vós vos ausentasseis; isto sem dúvida a ha de affligir, mas he o unico meio de a curar. Está chegado o tempo de irmos para o campo; eu devia acompanhar-vos, e levar a Coraly; porém he melhor que vades só, e que nós fiquemos em Londres. Mas, naõ obstante, escrevei a Blanford, e mandai-lhe dizer que temos precisaõ da sua vinda.

Tanto que a Indiana vio que Nelson a deixava em Londres com Juliette, imaginou-se

lançada em hum deserto, e abandonada de toda a natureza. Mas como ella tinha aprendido a envergonhar-se, e por consequencia a dissimular, tomou por pretexto da sua dôr os remorsos que lhe fazia o ser causa daquella desuniaõ. Vós devieis acompanha-lo, dizia ella a Juliette, e por meu respeito naõ ides. Ah, desgraçada de mim! deixai-me, deixai-me só, segui ao vosso irmaõ, abandonai-me; e dizendo estas palavras chorava amargamente. Quanto mais Juliette a queria divertir, tanto mais lhe augmentava as suas penas. Olhava com indifferença para todos os objectos que a cercavaõ; e como huma só idéa occupava a sua alma, era preciso huma grande violencia para a distrahir. Se a

deixavaõ só por só, parecia-lhe ver revoar o seu pensamento para aquelle objecto, que lhe haviaõ tirado. Se diante della se pronunciava o nome de Nelson, o seu rosto se tingia de côr purpurea, o peito se lhe levantava, os seus beiços palpitavaõ, e todo o corpo lhe estremecia. Quando Juliette a levava a passeio, hia ella de espaço em espaço traçando sobre a arêa as letras que compunhaõ o nome do seu amado. Havia no quarto de Juliette hum retrato de Nelson; nunca delle Coraly tirava os olhos; se queria olhar para outro objecto, elles para alli voltavaõ por si mesmos, por hum daquelles movimentos de que a alma he complice, mas naõ confidente. A excessiva tristeza, em

que ella vivia, com esta vista se moderava; e ficando como elevada, cahia-lhe das maõs o trabalho, e via-se-lhe entaõ no semblante hum certo ar entre affligido, e amoroso, que realçava mais a sua formosura.

Entendeo Juliette que devia ainda tirar-lhe da vista esta fraca imagem. Fôi isto para Coraly huma dôr a mais penetrante. Cresceo a sua exesperaçaõ, e nunca mais se moderou. Cruel amiga, disse ella a Juliette, parece que fazeis gosto de me affligir. Quereis que toda a minha vida naõ seja mais que dôr, e amargura, pois com tyrannia me privais de tudo quanto póde suavizar as minhas penas. Naõ vos bastou o tirar-me da vista aquelle, a quem minha alma adora, ainda me invejais o

gosto, o pequeno gosto de estar vendo a sua amavel cópia, unico allivio das minhas magoas? — Ah, desgraçada menina, que he o que quereis? — Ama-lo, adora-lo, viver para elle, ainda que elle viva para outrem. Eu nada pertendo; as minhas maõs me bastaõ para viver, e o meu coraçaõ para amar. Eu vos sou importuna, e póde ser que odiosa; apartai-me de vós, mas deixai-me essa pintura, aonde a sua alma respira, aonde ao menos me parece que o vejo respirar. Eu o verei, eu lhe fallarei, e me persuadirei que elle vê correr as minhas lagrimas, ouve os meus suspiros, e que estes lhe tocaõ o coraçaõ. — E para que he nutrir, minha querida Coraly, esse fogo cruel

que vos devóra? Conheço que vos affijo; mas he para vosso bem; e para descanço de Nelson. Quereis faze-lo desgraçado? Sem dúvida elle o será, se sabe que vós lhe tendes amor; e muito mais, se elle vos ama. Vós naõ estais em estado de attenderdes ás minhas razões; mas essa inclinaçaõ, que vós julgais taõ suave, será o veneno da sua vida. Compadecei-vos, minha amavel menina, do vosso amigo, e meu irmaõ; poupai-lhe remorsos, e combates, que o haõ de conduzir á sepultura. Tremeo Coraly de horror a este discurso; e obrigou a Juliette a que lhe dissesse o que tinha de funesto para Nelson o amor que elle lhe consagrava. Explicar-me mais, lhe disse Juliette, seria fazer-vos

odioso aquelle que deveis amar para sempre com ternura. Porém a mais santa de todas as obrigações o priva da esperança de ser vosso.

Naõ se póde explicar a profunda tristeza, a interna desconsolaçaõ em que ficou a alma de Coraly. Que costumes, que paiz, dizia ella, onde huma pessoa naõ póde dispôr de si; aonde o maior bem, o amor reciproco, he hum mal espantoso! He preciso pois que eu trema de tornar a ver Nelson! He preciso que eu trema de lhe agradar! De lhe agradar! ah! eu daria a minha vida, se podesse, ao menos hum momento, ser taõ amavel aos seus olhos, como elle he aos meus. Fujamos, fujamos deste paiz funesto, aonde he desgraça o ser amado.

Ouvia Coraly muitas vezes fallar em navios, e que estes navegavaõ para a sua pátria, e resolveo embarcar-se sem dizer adeos a Juliette. Sómente huma noite, á hora de recolher, indo Coraly beijar-lhe a maõ, sentio Juliette que ella lhe imprimia os labios com maior ternura do que costumava, e que ao mesmo tempo lhe escapáraõ huns profundos suspiros. Coraly me deixa mais magoada do que ella nunca esteve, (disse a Ingleza comsigo mesmo assustada); e fitou nos meus olhos os seus com a mais viva expressaõ de ternura, e dôr. Que se passará de novo no seu coraçaõ? Este cuidado a perturbou toda a noite, e no outro dia pela manhã mandou ella saber se Coraly ainda des-

cançava. Vieraõ-lhe dizer que ella tinha sahido para fóra só, e com hum simples vestido, e tomára o caminho do cáes. Levanta-se Juliette afflicta, e faz correr algumas pessoas em seguimento da Indiana. Foraõ acha-la a bordo de hum navio, pedindo alli passagem, cercada de marinheiros, que estavaõ como pasmados da sua formosura, da sua graça, dos seus annos, do tom da sua voz, e sobre tudo da sinceridade da sua petiçaõ. Naõ tinha por todo o seu equipage mais do que aquillo, que era summamente necessario; tudo quanto lhe haviaõ dado de mais precioso, tinha ella deixado em casa, excepto hum pequenino coraçaõ de cristal, que tinha recebido de Nelson.

Ao nome de Lady Juliet-

te Albury, cedeo ella sem resistencia, e se deixou conduzir. Chegando a casa, appareceo diante da Ingleza hum pouco confusa, e envergonhada da sua fugida; mas quando esta a reprehendeo, respondeo-lhe a Indiana, que era desgraçada, porém livre. — He possivel, minha amada Coraly, que naõ vejais nesta casa para vós mais do que desgraça? Se eu aqui naõ visse mais do que a minha, lhe disse ella, nunca eu me retirára. A desgraça de Nelson he que me assusta, e para seu descanço he que eu lhe quero fugir.

Naõ sabia Juliette o que lhe havia de responder; naõ se atrevia a fallar-lhe no direito que Blanford tinha adquirido á posse da sua pessoa: pois isto

lho faria aborrecer como a causa da sua desgraça, e julgou por mais acertado diminuir-lhe com razões o seu temor. Eu naõ posso dissimular-vos, lhe disse ella, nem taõ pouco encarecer-vos, o grande perigo, que corre hum amor inutil; porém o mal naõ he sem remedio. Seis mezes de ausencia, a razaõ, a amizade, que digo? hum outro objecto talvez..... A Indiana a interrompeo. Dizei antes a morte: eis-ahi o meu unico remedio. O que! pois a minha razaõ ha de fazer com que eu deixe de amar o mais perfeito, o mais digno de todos os homens! Seis mezes de ausencia me daráõ huma alma, que naõ o ame! O tempo muda a natureza? Hum outro objecto!..... Naõ imagineis tal,

pois nisso fazeis a vós mesma huma injuria. Naõ ha dous Nelsons no mundo; e quando houvesse mil, eu naõ tenho mais que hum coraçaõ, e este já está dado. A isto, dizeis vós, que he huma dadiva funesta: eu naõ o julgo assim; mas se o he, deixai-me fugir de Nelson, deixai que delle me esconda, e lhe esconda as minhas lagrimas. Elle naõ he insensivel, ha de enternecer-se; e se foge do meu amor, por temer que o faça desgraçado, talvez que seja amante por compaixaõ. Ah! quem se póde ver com indifferença amar como hum Pai, respeitar como hum Deos! Quem se póde ver amar como eu o amo, e naõ corresponder com o mesmo amor! Vós naõ o haveis de expôr a esse perigo,

replicou Juliette: haveis de occultar-lhe a vossa paixaõ, e assim triunfareis. Naõ, Coraly, naõ he a força das expressões que vos falta, he o valor da virtude — Ah Juliette! valor contra a desgraça tenho eu; mas contra o amor, aonde o ha? E que virtude quereis que eu lhe opponha, se todas estaõ da parte de Nelson? Naõ Juliette, de balde vos cançais em me persuadir; cada vez cubrís de mais nuvens negras o meu espirito; em nada me consolais. Eu preciso ver, e fallar a Nelson, e elle será o arbitro da minha vida.

Achando-se Lady Juliette na mais cruel preplexidade, por ver que a desgraçada Coraly se mirrava, e desfazia á força de pranto, pedindo que

a deixassem partir para a sua patria, se resolveo a escrever a Nelson, para que viesse dissuadir esta menina do intento de tornar para a India, e suavizar-lhe o desgosto que tinha de viver, que a todo o instante a consummia. Mas naõ era menos digno de lastima o mesmo Nelson. Apenas se tinha elle ausentado de Coraly, logo sentio o perigo de a ver, pela repugnancia que tinha de lhe fugir. Tudo aquillo, que lhe naõ havia parecido mais do que hum brinco na companhia della, veio a ser sério pela sua ausencia. No silencio da solidaõ entrou elle a examinar-se, e a fazer perguntas a si mesmo: e achou que a sua amizade para com Blanford estava frôxa, o zelo do bem público enfraque-

cido, e quasi apagado; e que só nelle dominava o amor com aquelle imperio doce, e terrivel, que exercita nos corações sensiveis. Conheceo com temor, e espanto, que a sua mesma razaõ se havia deixado offuscar, e seduzir; que os direitos de Blanford já para elle naõ eraõ taõ sagrados, que o crime involuntario de lhe roubar o coraçaõ de Coraly era ao menos mais desculpavel; além disto, que a Indiana era livre, e que o mesmo Blanford lhe naõ quereria impôr como huma obrigaçaõ o ser sua. Ah desgraçado, exclamou Nelson, espantado destas idéas, para onde me arrastra hum amor cego! O veneno do vicio me contamina as entranhas, e o meu coraçaõ está já corrupto. Por ventura de-

vo eu examinar, se hum penhor, que se me entrega, pertence áquelle que mo confia? Devo eu fazer-me juiz deste deposito, quando só prometti guarda-lo? A Indiana he livre? e eu o sou? Duvidaria eu dos direitos de Blanford, se naõ fosse para lhos usurpar? O meu crime começou por ser involuntario; mas agora já o naõ he, pois lhe dou consentimento. Eu! justificar hum perjuro! eu! achar desculpavel hum amigo infiel! Quem te dissera, Nelson, quem te dissera, quando abraçaste o virtuoso Blanford, que tu havias de questionar, se te seria permittido roubar-lhe aquella, que deve ser sua esposa, e que elle mesmo confiou á tua fidelidade! A que ponto de excesso o amor envilece o

homem! e que estranha desordem causa em hum coraçaõ a sua loucura! Ah! que elle despedaça o meu! Mas se elle naõ quizer, naõ o poderá fazer nem perfido, nem frôxo; e se a minha razaõ me abandona, a minha consciencia ao menos naõ me deixará ser infiel. A sua luz he inextinguivel: e a espessa nuvem das paixões naõ a póde escurecer. Ella será a minha conductora, e guia, para que a amizade, a honra, e a boa fé, tenhaõ ainda no meu peito o seu abrigo.

Naõ obstante estas reflexões, a imagem de Coraly o acompanhava em toda a parte. Se elle naõ a tivesse visto, se naõ com todos os seus attractivos, enfeitada da simples belleza, trazendo na sua frente a serenidade da innocencia, nos

beiços o sorrizo da candura, o fogo do desejo nos seus olhos, e em todas as graças da sua possoa o ar attractivo do deleite; teria achado nos seus principios, e na severidade dos costumes do seu paiz, com que resistir a esta tentaçaõ; mas elle pintava na sua idéa esta amavel menina taõ sensivel, como elle mesmo, porém mais fragil; e que naõ tendo por defeza mais que huma sciencia, que naõ era sua, se entregava innocentemente a huma inclinaçaõ, que seria origem da sua desgraça; e a ternura, que ella lhe causava, servia de alimento ao seu amor. Culpava-se Nelson de amar a Coraly, mas desculpava a si proprio a compaixaõ que della tinha. Como elle era sensivel ás penas, que lhe hia cau-

sar, naõ podia pintar na fantasia as suas lagrimas, sem debuxar ao mesmo tempo os bellos olhos que as hiaõ esparzir, e os alvos peitos nascentes que haviaõ de regar. A resoluçaõ em que estava de se esquecer della, lha representava ainda mais amavel; e quanto mais lhe queria fugir, tanto maîs se lhe chegava. Mas á proporçaõ, que as suas forças se dissipavaõ o seu espirito se fortalecia. Eia, disse elle, deixemos curativos: eu me canso com esforços inuteis; isto he hum accidente, que he preciso deixa-lo passar. Eu desfalleço, eu me abrazo, eu me mato, mas tudo isto se acaba com hum soffrimento, e naõ tenho que dar contas a ninguem do que se passa dentro do meu

peito. Cuidarei em que nada appareça no meu exterior, que descubra a minha paixaõ, e assim naõ tem o meu amigo de que se queixar. A fraqueza naõ he mais do que huma desgraça, e eu tenho valor para ser desgraçado.

Estando elle nestas reflexões, formando a resoluçaõ de morrer antes do que offender a amizade, chegou-lhe huma carta de sua irmã. Naõ se póde encarecer a dôr, e afflicçaõ com que elle a lêo. O' doce, e tenra victima, dizia elle, tu gemes! tu queres sacrificar-te ao meu descanço, e á minha obrigaçaõ! Perdoa: o Ceo me he testemunha de que eu sinto inda mais vivamente, que tu, todas as penas que te motivo. Queira o mesmo Ceo que em

pouco tempo o meu amigo, e teu esposo, venha enxugar as tuas lagrimas taõ preciosas! Elle te amará como eu te amo, e a tua felicidade será a sua: com tudo, he preciso que eu a veja para a suspender, e consolar. Que eu a veja! A que me exponho eu! As suas graças attractivas, a sua dôr, o seu amor, aquellas lagrimas que derrama a meu respeito, e que eu desejára recolher, aquelles suspiros, que deixa escapar hum coraçaõ taõ simples, e sem artificio, aquella linguagem da natureza, aonde a alma mais sensivel se pinta com tanta candura: quem poderá supportar? Que farei eu? e que lhe poderei dizer? ..... Naõ importa, he preciso vê-la, e fallar-lhe; e fallar-lhe como amigo, e co-

mo pai. Eu naõ ficarei depois de a ver senaõ mais perturbado, e mais infeliz; mas naõ he do meu descanço que se trata, he do seu, e sobre tudo, nelle consiste a felicidade de hum amigo, por cujo respeito he necessario que ella viva. Estou certo que me hei de vencer a mim mesmo, e por mais tormentoso que seja o combate, seria fraqueza, e vergonha minha evita-lo.

Partio Nelson para Londres, e chegando a sua casa, Coraly tremendo, e cheia de confusaõ, apenas se atrevia a apparecer diante delle. Desejava ella a sua vinda com o maior ardor; mas tanto que o vio, gelou-se-lhe o sangue nas veias, desmaiou: bem como aquelle que apparece diante de hum

juiz, o qual com huma só palavra vai decidir a sua sorte.

Naõ se póde assaz encarecer qual foi a ternura de Nelson, vendo desmaiadas as faces de Coraly, aonde n'outro tempo brilhava a purpurea côr da rosa, e quasi extinto o fogo dos seus olhos! Vinde, disse Juliette a seu irmaõ, vinde socegar o espirito desta menina, e cura-la da sua melancolia. Ella vive com o maior desgosto na minha companhia, e quer absolutamente tornar para a sua terra.

Fallou-lhe Nelson com amizade, e quiz obriga-la com suaves conselhos a que se explicasse diante de sua irmã; mas Coraly guardava silencio; e percebendo Juliette, que a mortificava com a sua presença, se retirou.

Que tendes, vós, Coraly? que vos temos nós feito, lhe disse Nelson? Que dôr he essa que tanto vos opprime? — Vós naõ o sabeis? naõ vedes que o meu gosto, e que a minha dôr naõ pódem ter mais que huma unica causa? Cruel amigo, eu naõ vivo senaõ para vós, e vós me fugis, quereis que eu morra!..... Mas naõ, vós naõ o quereis; outrem vos faz ter essa vontade: ainda fazem mais, pertendem que eu vos abandone, e me esqueça de vós. Assustaõ-me, despedaçaõ-me a alma, e vos obrigaõ a desesperar-me. Só vos peço hum favor, (continuou ella, lançando-se a seus pés) e he, que me digais a que offendo em vos amar, que lei contradigo, e que desgraça

causo. Ha neste paiz leis taõ crueis, tyrannos taõ rigorosos, que me queiraõ prohibir o mais digno uso do meu coraçaõ, e da minha razaõ? Ou podemos amar no mundo a quem quizermos, ou naõ: se naõ podemos, nada te direi; mas se o nosso coraçaõ he livre, que melhor podia ser a minha escolha?

Minha querida Coraly, lhe respondeo Nelson, he verdade tudo o que dizes, naõ ha cousa mais terna que a amizade, que me une a vós; e seria impossivel, e ainda mesmo injusto, que me naõ tivesseis a mesma. — Ah! respira coraçaõ meu: isso he que he fallar com razaõ. — Mas ainda que fosse para mim a maior felicidade o ser vosso, isto he o que eu naõ posso pertender, nem mesmo

devo consentir. — O' Ceos! eu naõ vos entendo. — Ora dizei-me: quando o meu amigo vos entregou á minha fidelidade, vós o amaveis? — ainda amo. — Terieis por felicidade o ser sua? — Creio que sim. — Havia no mundo pessoa a quem tivesseis mais amor do que a elle? — Entaõ ainda eu naõ vos conhecia. — Pois como Blanford, vosso libertador, e depositario da vossa innocencia, vos ama muito, tem jus para ser de vós amado. — Os seus beneficios já mais se apagaõ da minha memoria, e eu o amo como a hum segundo Pai. — Está bem: pois sabei, que elle tem resolvido unir-se a vós por meio de huma prizaõ ainda mais doce, e mais sagrada, que a dos beneficios. Elle me entregou em vós me-

tade de si mesmo; e naõ aspira senaõ á felicidade de ser vosso esposo, quando vier. Ah! disse Coraly já consolada, pois esse he o obstaculo que nos separa? Socegai, está destruido. — Como? — Jámais, jámais, eu to juro, Coraly será esposa de Blanford. — He preciso que sejas. — Isso naõ he possivel: o mesmo Blanford o ha de confessar. — Que! aquelle que vos recebeo da maõ de hum Pai, quando estava expirando, e que elle mesmo quiz ficar em lugar de vosso Pai! — Com esse sagrado titulo eu respeito, e venero a Blanford; mas com tanto que naõ pertenda mais de mim. — Logo quereis maquinar-lhe a sua desgraça? — Eu quero naõ enganar pessoa alguma. Se eu me tivesse da-

do a Blanford, e Nelson me pedisse a minha vida, eu daria a minha vida a Nelson, e seria perjura a Blanford. — Que dizeis, Senhora? — Isto, que me atrevo a dizer ao mesmo Blanford. E porque razaõ lho havia eu dissimular? Por ventura depende elle do meu amor? — Ah! que vós me fazeis criminoso! — Vós! e de que! de serdes agradavel aos meus olhos? Ah! o Ceo he que dispõe de nós. Elle deo a Nelson graças, e virtudes que me encantaõ: elle me deo esta alma que fez expressamente para Nelson; e como ella está toda cheia do vosso amor, como he possivel, que ame outrem mais do que a vós, ou tanto como vós!.... Ah! ninguem me falle mais em

viver, se naõ hei de viver para ser vossa. — Isso me faz desesperar. Que crimes me naõ lançará em rosto, com justa causa, o meu amigo? — De que se póde elle queixar? que perdeo elle? que lhe roubastes vós? Eu amo a Blanford como hum Pai cheio de ternura; porém amo a Nelson como a mim mesmo, e mais do que a mim mesmo; e estes sentimentos naõ saõ exclusivos. Se Blanford me entregou nas vossas mãos como hum deposito seu, naõ sois vós o injusto, he elle. — Mas ai de mim! que eu sou quem vos obriga a reclamar-lhe este bem, que sem dúvida elle havia de possuir, senaõ fosse eu; e o guarda delle he o mesmo roubador. — Naõ, meu Nelson, sede justo; eu sou li-

vre, e por isso quero ser vossa: de mim só eu posso dispôr, e só a vós me quero dar. Porém se attribuís á amizade huns direitos que ella naõ tem, sois vós o que os usurpais para ella, e vos fazeis complice da violencia que se me faz. — Oh meu amigo! fazer-vos violencia! — E que me importa que elle mesmo a pratique, ou que vós a pratiqueis por elle? Por ventura deixo eu sempre de ser tratada como huma escrava? Ora se outro, que naõ fosse o vosso amigo, me quizesse ter prisioneira, longe de o consentirdes, naõ tereis por gloria vossa o dar-me a liberdade? Logo só por causa da amizade sois traidor á natureza! Que digo eu? á natureza! E o amor, Nelson, o amor tam-

bem naõ tem os seus direitos? naõ tem elle alguma lei para comvosco a favor dos corações sensiveis? He acçaõ justa, e generosa opprimir, e desesperar huma amante, e despedaçar sem piedade hum coraçaõ, que naõ tem outro crime mais do que amar-vos?

Os soluços lhe embaraçáraõ a voz, e Nelson, que a vio suffocada, nem teve tempo de chamar sua irmã. Resolveo-se a toda a pressa desatar-lhe os atacadores, que lhe opprimiaõ o peito; e neste passo tudo quanto a mocidade na sua flor tem de mais attractivo, se mostrou entaõ aos olhos deste amante apaixonado. O sobresalto, que de repente sentio, o fez logo insensivel; mas tanto que a Indiana tornando a si,

e sentindo-se apertar nos seus braços, estremeceo de amor, e gosto; e abrindo os seus formosos olhos inda amortecidos, buscava os olhos de Nelson. Potencias do Ceo! exclamou elle, amparai-me, toda a minha virtude me abandona. Vivei, minha querida Coraly, vivei. — Vós quereis que eu viva, Nelson! quereis vós que eu vos ame? — Naõ; seria eu perjuro á amizade, seria eu indigno de ver a luz, indigno de tornar a ver o meu amigo. Ai de mim! bem mo tinha elle pronosticado, e eu lhe naõ dei credito, porque me fiava muito no meu coraçaõ. Compadecei-vos, deste coraçaõ, que despedaçais; deixai que eu vos fuja, e que me vença a mim mesmo. Ah! tu queres que eu morra, lhe

disse ella, e cahio aos seus pés com hum deliquio. Nelson, que cuida ver espirar aquella a quem sua alma adora, vai abraça-la, e de repente fica suspenso, vendo a Juliette. Minha irmã, diz elle, acodi-lhe, que eu me sinto morrer. E dizendo estas palavras, se retirou.

Aonde está elle? perguntou Coraly, quando abrio os olhos; que lhe fiz eu? porque me foge? E vós, Juliette, ainda mais cruel do que elle, para que fizestes com que eu tornasse a viver?

Multiplicou-se-lhe a sua dôr, quando ella soube que Nelson acabava de partir; porém a reflexaõ, que fez, lhe deo algum animo, e alguma esperança. A perturbaçaõ, e ternura, que Nelson lhe naõ pô-

de dissimular, o susto de que ella o tinha visto penetrado, as palavras ternas, que lhe escapáraõ, a violencia que elle tinha feito a si mesmo para se vencer, e para se ausentar, tudo isto a persuadio de que era amada de Nelson. Se he verdade, disse ella, sou eu feliz; porque quando Blanford vier, eu lhe confessarei tudo; e como elle he muito justo, e muito generoso, naõ ha de crer tyrannizar-me. Porém esta illusaõ logo foi dissipada.

Estando Nelson na sua casa de campo, recebeo huma carta do seu amigo, na qual lhe noticiava a sua viagem para Londres. Eu espero, dizia elle no fim da sua carta, ver-me dentro de tres mezes reunido áquelles a quem tanto amo. Per-

dôa, caro amigo, se no meu coraçaõ te faz companhia a minha amavel Coraly. Minha alma muito tempo foi só tua; porém hoje se reparte com ella. Eu te confiei a prenda, que mais estimo, e vejo a amizade applaudir ao amor. He minha felicidade possuir huma, e outra cousa; e tenho por grande ventura dever aos teus cuidados, e aos de tua irmã, o tornar a ver a minha querida pupilla, já com o espirito ornado de novos conhecimentos, a alma enriquecida de novas virtudes, mais amavel, se he possivel, e mais disposta a ter-me hum igual amor.

Escreveo Nelson a sua irmã, e lhe disse: lêde esta carta, e fazei-a ler a Coraly. Que liçaõ para mim! que reprehensaõ para ella!

Está feito, disse Coraly, depois que a lêo, eu naõ serei jámais de Nelson; mas tambem naõ espere que o seja de outrem. A liberdade de o amar he hum bem que eu naõ posso renunciar. Esta resoluçaõ a sustentou, e Nelson na sua solidaõ ainda era mais desgraçado que ella, pelas tormentosas idéas, que o combatiaõ.

Porque fatal destino, dizia elle, aquillo mesmo, que he o encanto da natureza, as delicias de todos os corações, o bem de ser amado, ha de ser o meu supplicio? Que digo eu? ser amado! isto he nada; mas ser amado daquella que eu amo! tocar a felicidade, e naõ poder possui-la!..... Ah! o mais que posso fazer he fugir-lhe: inviolavel, e santa ami-

zade, naõ me peças mais. Em que hora vi eu esta menina! em que estado eu a abandonei! Ella tem muita razaõ para dizer, que he escrava das minhas obrigações. Eu a sacrifico como huma victima, e á sua custa eu sou generoso. Agora vejo que ha virtudes, que escandalizaõ a natureza; e que para hum homem ser honrado, he preciso algumas vezes obrigar-se a ser injusto e cruel. O' meu caro amigo, queira o Ceo que tu recolhas o fructo das violencias que faço ao meu coraçaõ, que gozes o bem que eu te cedo, e que vivas feliz á custa da minha desgraça. Sim, eu desejo que ella te ame; eu o desejo, o Ceo he testemunha, e de todas as minhas penas a mais sensivel, he naõ saber eu se isto assim succederá.

Naõ era possivel, que a natureza humana se sustentasse com vigor em hum estado taõ violento. Nelson, depois de porfiados combates comsigo mesmo, procurava o descanço, e para elle naõ havia descanço. Finalmente, esgotou-se a sua constancia; e a sua alma enfraquecida cahio em hum mortal abatimento. A fraqueza da sua razaõ, a inutilidade da sua virtude, a imagem de huma vida penivel, e dolorosa, o abysmo de tormentos em que sua alma se engolfaria, se deixava de amar a Coraly, os males sem remedio que tinha que soffrer, se continuava a ama-la, e muito mais a idéa horrivel de ver, de invejar, e talvez de aborrecer hum rival na pessoa do seu fiel ami-

go; tudo isto lhe fazia hum tormento taõ exasperado, que visivelmente lhe abbreviava a vida. Porém motivos mais fortes o conservaraõ. Como Nelson naõ tinha aprendido dos seus estudos, que hum homem, hum cidadaõ, póde dispôr de si proprio, fez para si huma lei de viver, consolando-se de ser desgraçado, se ainda podia ser util ao mundo; e consumido de desgostos, e tristezas, fez-se como insensivel a tudo.

Estava quasi chegado o tempo, que Blanford tinha marcado para a sua viagem. Era summamente importante que se tomassem todas as precauções, para se lhe occultar o mal, que tinha causado a sua ausencia. E que resolveria Coraly a dissimular, se naõ fosse Nelson?

Tornou elle a vir a Londres; mas taõ fraco, e abatido, que quasi naõ parecia o mesmo. A sua vista traspassou de dôr a Juliette: e que impressaõ naõ fez ella na alma de Coraly! Tomou Nelson por sua conta o consolar a ambas; mas este mesmo esforço o acabou de abater. Dobrou-se-lhe a febre lenta, que o consumia; foi preciso ficar de cama, e foi isto hum novo combate que houve entre sua irmã, e a Indiana; porque esta naõ queria apartar-se da cabeceira de Nelson, pedindo com as maiores instancias, que a deixassem alli ficar, tomando cuidado nelle, e vigiando-o. Naõ lho consentiraõ, e a retiráraõ por compaixaõ della, e por conservaçaõ delle; mas Coraly nem prova-

va o descanço que lhe queriaõ dar. A todos os instantes da noite a encontravaõ só, vagando em torno do quarto do doente; outras vezes immovel junto á hombreira da porta com as lagrimas nos olhos, a alma nos beiços, os ouvidos attentos aos mais leves rumores, que qualquer bastava para lhe gelar o sangue de temor, e susto.

Percebeo Nelson, que sua irmã naõ consentia que Coraly o visse, senaõ muito a pezar seu. Naõ a affijais, lhe disse elle: porque isso he inutil. Já naõ he tempo de se usar de severidade; por meios de brandura, e paciencia he que nos havemos curar.

Coraly, minha boa amiga, lhe disse elle hum dia que estavaõ sós com Juliette, vós

darieis de boa vontade alguma cousa, só porque eu melhorasse, naõ he assim? — Oh Ceos! eu daria a minha vida. — Pois com muito menos me podeis curar. As nossas preocupações saõ talvez injustas, e os nossos principios deshumanos; mas o homem de bem he escravo. Eu sou amigo de Blanford desde a minha infancia. Elle faz de mim tanta confidencia como de si proprio, e o tormento de eu considerar que lhe roubo hum coraçaõ, de que elle me fez depositario, me vai escavando a sepultura. Bem vedes se isto em mim he exaggeraçaõ. Eu naõ vos posso occultar a origem do veneno, que lentamente me consome. Só vós lhe podeis suspender o seu effeito. Eu naõ vo-lo peço; porque em fim sois

sempre livre: porém debalde se procurará outro remedio ao meu mal. Blanford está chegando. Se elle percebe a vossa esquivança, se vós lhe negais essa maõ, que se eu naõ fosse, lhe seria concedida, tende a certeza, que eu naõ poderei sobreviver nem hum só instante á sua desgraça, e aos meus remorsos. O mesmo amor, que nos une, será o algoz, que nos separe. Consultai-vos, minha querida Coraly, e se quereis que eu viva, reconciliai-me comigo mesmo; e justificai-me para com o meu amigo. Ah! vivei, Nelson, e disponde de mim, lhe disse Coraly, esquecendo-se de si mesma; e estas palavras, se bem que desconsoladoras para o amor, que entre os dous amantes mutuamente se pagava, satisfize-

raõ a amizade entre Nelson, e Blanford.

Mas (replicou a Indiana depois de hum largo silencio) como posso eu dar áquelle a quem naõ amo, hum coraçaõ todo cheio daquelle a quem amo? — Minha menina, em huma alma honesta a obrigaçaõ triunfa de tudo. Em vós perdendo a esperança de serdes minha, tambem de mim perdereis a memoria. Ha de vos custar sem dúvida; porém nisto se interessa a minha vida, e vós tereis a consolaçaõ de ser a sua restauradora. — A tudo me sujeito, pois tudo he para meu bem. Sacrificai a vossa victima: ella gemerá, mas ha de obedecer. Porém vós, Nelson, vós que sois a mesma verdade, quereis que eu me disfarce, e

que engane ao vosso amigo! He crivel que vós me haveis de instruir na arte do fingimento? — Naõ, Coraly, o fingimento he inutil. Eu naõ pertendo extinguir em vós o reconhecimento, a estimaçaõ, a doce amizade; estes sentimentos me saõ devidos, como a vosso bemfeitor, e saõ sufficientes para o vosso esposo; naõ lhe mostreis mais. Em quanto á inclinaçaõ, que lhe naõ tendes, só lhe deveis della o sacrificio, mas naõ a confissaõ. Aquillo que póde ser nocivo, se se conhece, deve para sempre occultar-se, e a verdade perigosa tem por asylo o silencio.

Abbreviou Juliette esta scena a mais penosa para hum e para outro. Conduzio comsigo a Coraly, e naõ houve ca-

ricia, affago, ou elogio, que ella naõ usasse para a consolar. Eis-ahi, (lhe dizia a Indiana com hum surrizo cheio de amargura) como sobre as margens do Ganges, se costuma lisongear a dôr de huma viuva, que se vai lançar na fogueira, aonde se abrazou o cadaver de seu marido. Enfeitaõ-a, põem-lhe na cabeça huma corôa de flores, e a entontecem com canticos de louvor. Mas ah, que o sacrificio desta em pouco tempo fica consummado, porém o meu será cruel, e duravel. Ah, minha boa amiga, eu ainda naõ completo dezoito annos! quantas lagrimas tenho ainda que chorar desde agora até o fatal momento, em que os meus olhos se fechem para sempre! Esta idéa melancolica mostrou

bem a Juliette o quanto estava possuida da sua dôr a alma de Coraly: já naõ tratava de a consolar mais, antes a acompanhava nas suas amarguras. A complacencia, a persuasaõ, a indulgente, e sensivel piedade, todos quantos meios póde inventar a amizade mais íntima, de tudo se usou, porém tudo inutilmente.

Em fim, dá-se a noticia de que Blanford era chegado; e Nelson, assim mesmo fraco, e desfalecido como estava, o foi receber, e abraçar ao cáes. Tanto que Blanford o vio, naõ pôde dissimular a sua dôr, e espanto. Socega-te, lhe disse Nelson: eu tenho estado muito mal, mas já vou recobrando a minha saude; e o gosto de tornar a ver-te será o balsamo

que me reanime. Naõ sou eu o unico, a quem a tua ausencia privou da saude; tambem a tua pupilla está hum pouco mudada; talvez que o ar do nosso clima para isso contribuisse. Porém tem feito progressos visiveis: descobrio-se-lhe o seu espirito, e os seus talentos, e se a especie de abatimento em que ella está se dissipa, possuirás tu (cousa bem rara) huma mulher, em quem a natureza se empenhou para a fazer perfeita.

Naõ ficou Blanford muito admirado de achar a Coraly fraca, e desfalecida, mas ficou vivamente penetrado de dôr. Parece, disse elle, que o Ceo quiz moderar o meu gosto, e castigar-me da impaciencia, que as minhas obrigações me causavaõ

longe da vossa vista. Mas graças ao mesmo Ceo, que já estou senhor de mim, entregue á amizade. Esta palavra *amor* fez estremecer a Coraly: e Blanford percebendo a sua perturbaçaõ, lhe disse, creio que o meu amigo vos ha de ter disposto para ouvirdes a confissaõ que acabo de fazer-vos. — Sim, conheço quanto vos devo, e quanto me obriga a vossa bondade; mas naõ posso approvar-lhe o seu excesso. — Ah, dignai-vos de dispensar para comigo essas expressões, taõ similhantes á politica da Europa. Candida, e terna Coraly, houve tempo, em que se eu vos dissesse: Quereréis que os laços do hymenêo nos unaõ? vós me tereis respondido sinceramente: Consinto, ou naõ con-

sinto: usai agora da mesma liberdade. Eu vos amo muito, Coraly, e por isso mesmo que vos amo, desejo que sejais feliz; porque a vossa desgraça seria a minha. Nelson tremendo olhava para Coraly, e naõ se atrevia a prever a resposta que ella havia dar. Eu estou indecisa, (respondeo ella a Blanford) por hum temor igual ao vosso. Em quanto eu naõ considerava em vós mais que hum verdadeiro amigo, hum segundo Pai, dizia comigo mesmo: Elle ficará satisfeito de eu o venerar, e de o amar com ternura. Porém se o nome de esposo se mistura com estes titulos taõ santos, que naõ esperareis de mim? E que cousa vos poderei eu negar? — Ah! que essa amavel modestia he digno

ornato das tuas virtudes. Sim, minha vida, tu cumpres com o que deves, se correspondes á minha ternura. Em todo o tempo da minha ausencia andavas presente na minha memoria; em toda a parte me acompanhou a tua imagem; minha alma para ti revoava, atravez dos abysmos que entre nós mediavaõ; e eu ensinei o nome de Coraly aos éccos de outro hemisferio. Senhora, disse elle a Juliette, perdoai-me se vos invejo a felicidade de a haverdes possuido. Agora he tempo de que eu mesmo cuide na sua saude, para mim taõ preciosa; e vos recommendo muito a de Nelson, que naõ me he menos estimavel. Vivamos felizes, meus amigos; e a vós devo o bem de gozar a vida, pois parece que

o vosso amor ma sustentava com duplicadas prisões; porque expondo-a tantas vezes, sempre experimentei a sua segurança.

Finalmente, ajustou-se que em menos de oito dias Coraly se desposasse com Blanford. Em todo este tempo esteve ella ainda na companhia de Juliette, e Nelson nunca a desamparava. Mas o seu valor se esgotava em sustentar o da Indiana. Porém o ver-lhe derramar contínuamente rios de lagrimas, o enxugar o pranto de huma amante, que ora prostrada a seus pés cheia de amargura, ora cahindo nos seus braços desfalecida, lhe rogava encarecidamente que tivesse della piedade; e que sem afrôxar hum momento, naõ cessava de lhe lançar em rosto a sua cruel resoluçaõ; era isto

hum tormento, que parecia superior a todas as forças da natureza. Tambem a mesma virtude de Nelson o abandonava a cada instante. Deixai-me, lhe dizia elle, deixai-me desgraçada menina! que eu naõ sou tigre; tenho huma alma sensivel, e vós ma fazeis em pedaços. Disponde de vós, disponde da minha vida; porém deixai-me morrer fiel ao meu amigo. — E posso eu, com perigo da vossa vida, fazer uso da minha vontade? Ah, Nelson! ao menos promettei-me de viver, naõ tanto por meu amor, mas por huma irmã, por huma irmã, que vos adora. Ah, qne vos enganaria, Coraly, se tal vos promettesse: naõ que eu queira attentar contra a minha vida; mas vede o estado, em

que me tem posto a minha dôr, vede o effeito dos meus remorsos, e do meu anticipado pejo; e serei eu menos inexoravel para mim mesmo, se chegar a consummar o meu delicto?

Ai de mim! vós me falais em delicto! e naõ he delicto o tyrannizar-me? — Vós sois livre; naõ pertendo mais nada; nem eu mesmo sei quaes saõ as vossas obrigações; só sei quaes saõ as minhas, e naõ quero faltar a ellas.

Nestas praticas passavaõ os dous amantes aquelles dias de pranto, e de dôr, mas a presença de Blanford ainda era para elles mais tormentosa. Todos os dias hia este visita-los, e entrete-los, naõ com inuteis protestos de amor, mas com os cuidados que tomava para

que tudo na sua casa respirasse alegria, e contentamento, tudo alli adevinhasse os desejos de sua mulher, e tudo contribuisse para a sua felicidade. Se eu morrer sem filhos, dizia elle, metade dos meus bens ha de ser della, e a outra metade ha de ser daquelle, que lhe souber agradar depois da minha morte, e consola-la de me haver perdido. Comtigo falo, Nelson; nada se perde na disposiçaõ que faço: fica em meu lugar, quando eu morrer; pois naõ tenho o abominavel orgulho de querer que a minha viuva seja fiel á minha sombra. O Ceo fez a Coraly para aformosear o mundo, e para enriquecer a natureza com os fructos da sua fecundidade.

He mais facil imaginar,

do que escrever a triste situaçaõ dos nossos dous amantes. A ternura, e confusaõ eraõ iguaes em hum, e outro; mas da parte de Nelson havia huma especie de consolaçaõ em ver a Coraly na posse de hum taõ digno esposo; ao mesmo tempo que os beneficios, e o amor de Blanford eraõ para ella hum tormento mais, porque perdendo a Nelson, estimaria antes o desamparo de toda a natureza, que os cuidados, os beneficios, e o amor de tudo que naõ fosse elle. Assentou-se, em fim, pelo consentimento desta desgraçada, que naõ havia dúvida alguma, nem mais que esperar; e que era preciso que ella obedecesse ao seu destino.

Finalmente, foi Coraly conduzida como huma victima

para aquella mesma casa, que tinha amado como seu primeiro asylo, e que entaõ com justa causa temia como sua sepultura. Veio Blanford recebe-la como a sua soberana: e aquelles signaes, que ella lhe naõ pôde occultar do violento estado de sua alma, attribuio elle á timidez, e perturbaçaõ, que inspira nas pessoas daquelles annos a proximidade do leito nupcial.

Nelson tinha juntado todas as forças de huma alma estoica, para se presentar nesta festividade com hum semblante sereno.

Leo-se a escriptura, que Blanford tinha feito lavrar. Era esta de huma parte á outra hum monumento de amor, de estimaçaõ, e de benificencia. Corre-

raõ as lagrimas dos olhos a todos, e ainda mesmo a Coraly.

Chega-se Blanford a ella, e tomando-a pela maõ lhe disse: Vinde, minha amada, vinde dar a este penhor da vossa fé, a este titulo da minha ventura, a santidade inviolavel de que deve ser revestido.

Coraly, fazendo a si propria a ultima violencia, apenas teve força para dar hum passo, e pegar na penna. No momento em que estava para assignar-se, eclipsáraõ-se os seus olhos com huma parda nuvem, todo o corpo lhe começou a tremer, e se cobrio de hum frio suor; e curvando-se-lhe os joelhos, hia para cahir, se Blanford naõ a sustentasse. Espantado este de confusaõ, e gelado de susto, olhava para Nelson, e lhe

vê no seu semblante a pálida côr da morte. Juliette ao mesmo tempo corre para acudir a Coraly. Oh Ceos, grita Blanford, que he o que vejo! A dôr, a morte me cercaõ. Que he isto, que eu hia fazer? que he isto que me occultais? Ah, meu caro amigo, será possivel! Torna a ti, minha Coraly, abre os olhos, eu naõ sou cruel, eu naõ sou injusto, eu naõ quero senaõ a tua felicidade.

Juliette com as criadas, que cercavaõ a Coraly, a toda a pressa lhe entraraõ a applicar espiritos, e fazer outros remedios, aos quaes Nelson, e Blanford, naõ podendo assistir por decencia, se retiráraõ hum pouco. Porém Nelson estava immovel, e com os olhos baixos como hum criminoso.

Chega-se a elle Blanford, e apertando-o nos seus braços, lhe diz: Eu já naõ sou o teu amigo? Tu naõ és sempre a metade de mim mesmo? Abre-me o teu coraçaõ, dize-me o que nelle se passa..... mas naõ, nada me digas: eu sei tudo. Esta menina naõ te pôde vêr, nem ouvir, nem viver na tua companhia, sem te amar. Ella he sensivel, e ficou captiva da tua bondade, e das tuas virtudes; porém tu a condemnaste ao silencio, e conseguiste della que consummasse o mais doloroso sacrificio. Ah Nelson, e se elle estivesse completado, que desgraça! O Ceo, que he justo, o naõ consentio; a natureza, a quem tu fazias violencia, reclamou os seus direitos. Naõ te afflijas: he hum cri-

me que ella te poupa. Sim, a entrega, que de si mesma me fazia Coraly, era hum crime contra a amizade. Eu o confesso, respondeo Nelson, ajoelhando-lhe aos seus pés: eu, sem querer, sou causa da tua desgraça, da minha, e da desta amavel menina: mas juro pela minha fé, pela amizade, pela honra..... Deixa os teus juramentos, interrompeo Blanford, pois nos ultrajaõ a ambos. Levanta-te, meu amigo, continuou elle, pegando-lhe pela maõ, que eu naõ te apertaria nos meus braços, se te suspeitasse capaz de taõ vergonhosa perfidia. Succedeo o mesmo que eu prognostiquei, mas sem culpa tua; e he prova o que acabo de ver: porém esta mesma prova he inutil, pois della naõ pre-

cisa o teu amigo. He certo, replicou Nelson, que eu naõ tenho de que me reprehender, mais que a minha presumpçaõ, e a minha pouca cautela. Mas naõ me importa, que eu me castigarei. Coraly naõ será tua; mas tambem eu naõ serei della. E dessa fórma he que tu corresponides a hum amigo generoso? lhe replicou Blanford com tom severo; queres tratar-me com puerís satisfações? Coraly naõ será minha; porque comigo naõ seria feliz. Mas hum esposo homem de bem, que, se vós naõ fosseis, em mim havia de achar, he para ella huma perda de que vós sois a causa, e deveis repara-la. A escriptura está feita, vamos a mudar-lhe os nomes; mas quero que fiquem os mesmos artigos.

Isto que eu dava a Coraly como esposo, agora lho dou como amigo, ou, se quereis, como pai. Nelson, naõ me façais envergonhar, recusando com humildade o meu donativo. Eu estou confundido, lhe disse Nelson, mas naõ admirado desta generosidade que naõ mereço. Eu a aceito, e será eterna na minha memoria, venerando-a com silencio: e se eu naõ soubera quanto o respeito se concilia com a amizade, naõ me atrevera a nomear-vos mais por meu amigo.

Em quanto durou esta pratica, Coraly tornou a si, e tomando mais alentos, olhava com aborrecimento para a vida, que se lhe havia restaurado. Mas qual foi a admiraçaõ, e revoluçaõ que de repente sentio sua

alma! Todo o segredo está descoberto, tudo está perdoado, lhe disse Nelson abraçando-a; ajoelhai aos pés do nosso bemfeitor; pois da sua maõ he que eu recebo a vossa. Coraly quiz desfazer-se em acções de graças, e Blanford lhe disse: Vós sois muito menina, devieis confessar-me tudo. Naõ fallemos mais nisto; mas lembremo-nos sempre de que ha provas, a que a mais constante virtude se naõ deve sujeitar.

FIM.

CATALOGO de alguns Livros que ha para vender brochados em Casa do Editor F. B. O. de M. Mechas, Mercador de Livros no Largo do Caes do Sodré, N. 3. A.

O Juizo Ultimo: Poema em tres Cantos, pelo Immortal Young, em 8. 1818. br. 160

Carite, e Polydoro. Romance, dividido em quatro Livros, por Joaõ Jaques Barthelemy, em 8. 1818. br. 240

Quadras Glozadas, por F. A. de Nobrega, natural da Ilha da Madeira, em 8. 1818. br. 120

Arte Poetica de Boileau. Traduzida do Francez pelo Excellentissimo Conde da Ericeira. Acompanhada a sobredita Traducçaõ com a Carta que Boileau escreveo ao Excellentissimo Conde, agradecendo-lhe a bella Traducçaõ que lhe remettêra da sua Arte Poetica, em 8. 1818. br. 240

As Tristes Narrações de hum Solitario, ou o tragico fim da desgraçada Sofia. Historia moral, em que se mostra quanto póde a força da primeira inclinaçaõ, e paixaõ de dous Amantes, ligados pela virtude, e desunidos pela violencia. Nova Ediçaõ, em 8. 1818. br. 200

Amor, e Probidade, Novella extrahida de hum Romance em Cartas, com o mesmo

titulo em Alemaõ. Dada á luz por A. M. da C. S., em 8. 1818. br. 320

Historia de Emilia, escrita por ella mesma, em 8. 1818. br. 100

Julia, Historia Verdadeira, em 8. 1818. br. 100

Fatima, e Zendar, ou o Fatal Destino, em 8. 1818. br. 80

Azakia, ou a Fidelidade Conjugal, em 8. 1818. br. 80

Sapho no Salto de Leucate, em 8. 1818. br. 120

Julieta, e Claudina, ou as duas Amigas rivaes, em 8. 1818. br. 100

Leocadia, ou a Innocente Victima do crime, em 8. 1818. br. 100

Historia de Janny Lille, em 8. 1818. br. 100

Carlota, Historia Ingleza, em 8. 1818. br. 200

Henrique, e Emma, Poema de Prior, imitaçaõ da Bella Brune de Chaucer. Traduzido em Portuguez, em 8. 1818. br. 200

Zaira, ou Hum Caso Extraordinario, em 8. 1818. br. 100

Segredos das Artes Liberaes, e Mecanicas, recopilados, e traduzidos de varios Authores Selectos, que trataõ de Fysica, Pintura, Arquitectura, Optica, Quimica, Douradura, e Acharoado, com outras curiosidades proveitosas, e diversas. Seu Author D. Bernardo de Monton. Vertido do Castelhano em Portuguez, em 8. 2. Vol. 1818. br. 480

O Amigo das Mulheres Traduzido do Francez. Nova Ediçaõ, em 8. 2. Vol. 1818. br. 480

Obra que comprehende 12 Capitulos sobre os Objectos seguintes: I. Do estado das Mulheres na Sociedade. II. Dos Estudos que convém ás Mulheres. III. Das Occupações das Mulheres IV. Dos Prazeres. V. Do Luxo das Mulheres. VI Do Asseio das Mulheres. VII. Do Caracter, e Genio das Mulheres VIII. Do Amor, e da Galantaria. IX. Do Casamento. X. Educaçaõ dos Filhos XI. Virtudes das Mulheres XII. Conclusaõ.

Os Azares da Fortuna, ou a Historia de Roberto, o Provençal, escrita por elle mesmo, em 8. 1818. br. 240

As Desgraças de Iddalina, pelo Ciume Indiscreto do Conde Tokenburg. Historia Alemã, em 8. 1818. br. 240

O Sacrificio Frustrado, ou a Felicidade no ultimo lance. Historia traduzida do Inglez na Lingua Portugueza. Segunda Ediçaõ, em 8. 2 Vol. 1818. br. 480

Poucas saõ as Historias (ou Novellas), em que o Leitor mais deseje concluir a narraçaõ dos factos, ou célebres acontecimentos (mas possiveis) do que na sobredita Historia do Sacrificio Frustrado. Até julgamos ser impossivel, que melhor se possa traçar, e imprimir na imaginação do Leitor os accidentes a que todo o Homem está sujeito! Em fim o quanto póde a força do destino.

Compendio de Arithmetica, para uso das Primeiras Escolas, composto por ***. Nova Ediçaõ, em 8. 1818. br. 240

Arte de Conhecer os Homens, escrita em Francez pelo Abbade de Bellegarde, e traduzida em Portuguez. Nova Ediçaõ, em 8. 2. Vol. 1818. br. 480

Sepultura de Lesbia: Poema em XII. Prantos, por Thomaz Antonio dos Santos e Silva. Segunda Ediçaõ, em 8. 1818. br. 240

A Afflicçaõ Confortada: Dirigida á Virtude da Paciencia, por Joaõ Baptista de Castro. Quarta Ediçaõ, em 8. 1818. br. 240

Do que contém este Livro. §. I. O Estudante. §. II. O Soldado. §. III. A Freira. §. IV. O Casado. §. V. A Casada §. VI O Amante §. VII. O Jogador. §. VIII. O Negociante. §. IX. O Prezo §. X. O Pai do filho indocil, e perverso. §. XI. O Calumniado. §. XII. O Destituido de amigos por pobre. §. XIII. O Ignorante. §. XIV. O Defeituoso do corpo. §. XV. O Velho. §. XVI. O Enfermo. XVII. O Temoroso da morte.

Aforismos moraes, e instructivos, Sentenças, Pensamentos, Bons ditos, &c. Obra util a todo o genero de pessoas, aonde se achaõ documentos necessarios para a boa instrucçaõ da vida civil, e recreio honesto para toda a qualidade de pessoas. Compilados de differentes, e excellentes Authores. Nova Ediçaõ, em 8. 1818. br. 300

Laura, e Inesilla, ou as Orfãs Hespanholas. Historia de Mr. Desfontaines, traduzida em Portuguez. Nova Ediçaõ, em 8. 1818. br. 240

Isaura, ou o Premio do Amor, e da Virtude, em 8. 1818. br. 100

O Perigo das Paixões, Conto Allegorico, e Moral, para servir de Liçaõ á Mocidade, com huma Analyse sobre as Paixões Humanas. Nova Ediçaõ, em 8. 1818 br. 240

As Mulheres Célebres da Revoluçaõ Franceza, ou o Quadro Energico das Almas Sensiveis, em 8. 2 Vol. 1818. br. 360

Os Capitulos desta Obra saõ distribuidos sobre os Objectos seguintes: Cap. I. Da Ternura Maternal = II. Do Amor Conjugal. = III. Do Amor Filial. = IV. Do Amor Fraternal Tomo 2. Cap. V. Sacrificio do Amor. = VI. Hospitalidade. = VII. Da Força d'alma na desgraça. = VIII. Sacrificios sublimes. = IX. Gratidaõ. = X. Do Desinteresse. = XI. Animo inspirado pelo horror do crime.

Contos Filosoficos para Instrucçaõ, e Recreio da Mocidade Portugueza, por Francisco Luiz Leal, Professor Regio de Filosofia. em 8. 2 Vol. 1818. br. 300

Primeira contém I, II, e III. Contos do Sultaõ Massoud, e Segunda = Omar. = O Casamento Obrigado = O Serio Arrependimento.

Fabulas Literarias de D. Thomas Yriarte.

traduzidas do Castelhano em Portuguez. Nova Ediçaõ, em 8. 1818. br. 200

Juba, Historia Verdadeira 1. Folheto, em 8. 1817. br. 120

Pasto do entendimento nas horas vagas jovial, e serio. Obra Periodica. 1. Folheto em 8. 1817. br. 80

O Arrependimento, ou Confissaõ Pública de Voltaire. Traduzido do Francez, em 8. 1817. br. 200

Methodo Grammatical resumido da Lingua Portugueza, composto por Joaõ Joaquim Casimiro, Professor de Grammatica; Nova Ediçaõ, em 8 1818. br. 240

Breve Tratado do Jogo do Whist, que contém as leis do Jogo, e algumas regras, pelas quaes se póde conseguir o joga-lo bem, addicionado com duas computações; huma sobre as apostas em qualquer ponto do Jogo; e outra para dar a conhecer ao parceiro huma, e mais cartas. Traduzido da Lingua Ingleza sobre a oitava ediçaõ de Londres, na Portugueza. Segunda Ediçaõ, em 8. 1818. br. 240

Vida do Grande Filosofo Abeilard, e de sua Esposa Heloiza. em 8. 1818. br. 200

Inkle, e Yarika ou a Ingratidaõ: Novella Sentimental. Dividida em duas Partes, em 8. 1819. br. 100

Ensaio sobre o Homem, Poema Filosofico de Alexandre Pope. Traduzido do Original Inglez na Lingua Portugueza por A. Teixeira, em 8. 1817. br. 240

Biblioteca da Ajuda

A prova de huma amizade / Marmontel
1819

Mon. 74-I-15

MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO PORTUGUÊS
DO PATRIMÔNIO ARQUITECTÔNICO
Palácio Nacional da Ajuda
1349-021 LISBOA

tel. - fax 351 21 363 85 92
www.ajuda.lib@ippar.pt
www.ippar.pt/sites_externos/bajuda

© IPPAR / Biblioteca da Ajuda

A publicação de qualquer imagem da documentação incluída
neste suporte só deve ser efectuada mediante consulta e autorização prévia.

Acrobat 4.0 é um suporte lógico de *Adobe Syystems Incorporated*